

ANNO XXXIII N 03 MARÇO 2016

# MARIÁPOLIS

Noticiário do Movimento dos Focolares

Poste Italiane S.p.A. | Spedizione in abbonamento postale D.L. 353/2003 (conv. in L. 27/02/2004 n.46) art.1, comma 2 e 3 | Aut. G.P.A./C./RM/33/33/2012 | taxe perçue | tassa riscossa Roma

14 de março de 2016

**Dedicado  
a Chiara,  
mulher  
de paz**

**Índia**

Encontro com um  
povo especializado  
no diálogo

**Bielorrússia**

Comunidade em  
festa pela abertura  
do novo focolar

«Chiara Lubich, usando a maior força humana do amor e uma fé forte na unidade de todo o género humano, segundo os ensinamentos de Jesus Cristo, foi escolhida para desempenhar um papel incansável de lançar sementes de paz e do amor a todos os povos»

[da motivação do prémio Defensor da Paz, Coimbatore - Índia - 5 de janeiro de 2001]



# Ser sementes de paz

Da intervenção de Chiara Lubich na ONU

«Em direção à Unidade das Nações e Unidade dos Povos»

[...] Eu, que hoje me encontro aqui, também represento um fenómeno que existe praticamente em todas as nações do mundo, ainda que mais humilde, menos conhecido, mas talvez não isento de significado diante da grande e famosíssima instituição que me hospeda.

De facto também essa realidade, cujo nome é "Movimento dos Focolares", tem por objectivo a paz no mundo. Está presente na Igreja católica, em mais de 300 Igrejas e em muitas Religiões, sem excluir aquelas pessoas que talvez não tenham uma fé religiosa, mas possuem boa vontade.

Tendo como objetivo a unidade entre os indivíduos, os grupos e os povos, sonhando com uma situação, que poderia ser expressa pelos termos: "Mundo unido", cria a paz no mundo.

O Movimento propõe, promove,

constrói a paz não a alto nível, como faz a ONU, mas no meio da humanidade, do povo, entre pessoas de língua, raça, nação e fé diferentes.

E qual é o vínculo da unidade, causa da paz?

É o amor. É o amor que bate em cada coração humano, que, para os discípulos de Cristo, pode consistir no assim-chamado "ágape", que é uma participação no mesmo amor que vive em Deus: um amor forte, um amor capaz de amar até aquele que não retribui mas ataca, como o inimigo; Um amor capaz de perdoar.

Para quem segue outros credos religiosos, é um amor que se pode chamar benevolência e é expresso por aquela "regra de ouro" que enriquece muitas religiões e que diz: "Faz aos outros o que gostarias que fizessem a ti. Não faças aos outros o que não

gostarias que fizessem a ti".

É um amor que, para as pessoas que não têm uma fé religiosa, se pode traduzir por filantropia, solidariedade, não-violência. É o amor, portanto. Um amor humano-divino que não exclui o amor simplesmente humano e liga homens e mulheres, crianças e idosos, pessoas de todas as condições

sociais, fazendo delas um só coração. Isto acarreta consequências tanto no plano espiritual como no plano material: uma partilha mais ou menos plena, mas sempre na atmosfera da paz.

Por isso, por esta sua vocação à unidade e à paz, o Movimento dos Focolares hoje, através de mim, sente que se encontra neste

## 14 de março de 2016 Chiara Lubich e a paz

«*Através desta espiritualidade, homens e mulheres de quase todas as nações do mundo, pouco a pouco, mas decididamente tentam ser nos dias de hoje, - pelo menos ali onde se encontram - sementes de um povo novo, de um mundo de paz, mais solidário, sobretudo para com os mais pequenos, os mais pobres, de um mundo mais unido*». Foi com estas palavras que Chiara Lubich se exprimiu quando apresentou o Movimento dos Focolares, durante a atribuição do Prémio UNESCO para a Educação à Paz. Foi em 1996, exatamente há vinte anos. Foi por isso que se pensou em dedicar os eventos a realizar, por ocasião do oitavo aniversário do falecimento de Chiara Lubich, no dia 14 março, ao tema «Chiara e a paz».

De facto, em várias ocasiões e em diferentes latitudes, foi reconhecida a incansável função desenvolvida por ela para lançar sementes de paz e amor entre todas as pessoas. Alguns exemplos: em 1988, na Alemanha, recebeu o «Prémio pela paz de Augsburg», em 1995, a comunidade hebreia de Roma ofereceu-lhe o reconhecimento «Uma oliveira pela Paz»; em 2001, as Instituições ghandianas ShantiAshram e Movimento Sarvodaya, conferiram-lhe o Prémio «Defensora da Paz». Se o que Deus lhe deu foi o carisma da unidade, Chiara, de facto, viu sempre na paz o fruto da vivência da unidade: «*A "paz" é efeito da unidade - escreveu em alguns apontamentos em 1985 - Quando há unidade entre nós e*

*Deus, há a paz interior. Quando há unidade entre os irmãos, existe a paz entre irmãos. Quando há unidade entre os povos, há a paz no mundo*». Por isso é oportuno e de grande atualidade aprofundar os conteúdos, descobrir a riqueza das implicações e analisar as inúmeras realizações que surgem.

São numerosas as celebrações programadas, em vários Países. Algumas com o timbre da unidade e do diálogo como caminho para a paz - em Kampala (Uganda) e em Sarajevo (Bosnia Herzegovina). Em Castel Gandolfo (Itália) para a conferência sobre «A cultura do diálogo como factor de Paz» esperam-se personalidades civis e religiosas; a de Houston (EUA) «Unity in diversity», terá um carácter interreligioso; a celebração de Solingen (Alemanha) será relacionada com a situação atual, onde até hoje já chegaram mais de 3000 refugiados: «Viver a paz na multiplicidade».

Em 1996, Chiara Lubich explicou que o prémio Unesco viria a servir «*para construir - numa cidadela do Movimento na Ásia, nas Filipinas, chamada "Paz", uma estrutura necessária para o diálogo inter-religioso*». E precisamente este ano, nas Filipinas celebra-se o cinquentenário da chegada da espiritualidade da unidade. Entre as celebrações, no dia 14 de março vai haver um simpósio para aprofundar o tema «Carisma da unidade, uma herança sem tempo».

lugar como se estivesse em sua casa e nota um impulso interior a oferecer o seu contributo, que provém da base.

[...]

A nossa espiritualidade, atual e moderna, é chamada espiritualidade da unidade. Esta cria um estilo novo de vida, assumido por milhões de pessoas, que, inspirando-se fundamentalmente em princípios cristãos - sem desleixar, mas evidenciando valores paralelos noutros credos e noutras culturas -, promove neste mundo, necessitado de reencontrar ou de consolidar a paz, justamente a paz e a unidade.

Esta espiritualidade é vivida não apenas individualmente, mas também por muitas pessoas, em conjunto. Possui de facto uma dimensão comunitária muito saliente.

Afunda as suas raízes nalgumas frases do Evangelho, que estão todas encadeadas umas nas outras. [...]

Esta espiritualidade comunitária não está ligada necessariamente a uma Igreja ou a uma Religião: é universal e de certa forma pode ser vivida por todos.

Com efeito, através dela instauraram-se diálogos fecundos com todos os homens: com cristãos de muitas Igrejas - como já disse -, com fiéis de diversas religiões e com pessoas das mais diversas culturas, que encontram, sublinhados por nós, os valores em que crêem. E juntos encaminhamo-nos para aquela plenitude de verdade que todos ansiamos.

Mediante esta espiritualidade, homens e mulheres de quase todas as nações do mundo, lenta mas decididamente procuram ser hoje, pelo menos ali onde se encontram, fermento de um povo novo, de um mundo de paz, mais solidário sobretudo com os últimos e com os mais pobres, de um mundo mais unido.

Com esta espiritualidade sentimos que devemos dar o nosso contributo também a

esta "casa" de encontro entre os povos, para apoiar com um "suplemento espiritual" os esforços que se vão fazendo para transformar a ONU num instrumento capaz de responder às expectativas da humanidade.

Aliás, já faz parte do "sentimento comum" dos protagonistas da vida internacional a necessidade de rever o sentido da reciprocidade, um dos pontos fundamentais das relações internacionais, e que também está na base da nossa espiritualidade e, portanto, da nossa acção. Essa reciprocidade requer que se vençam antigas e novas lógicas de partidarismo, estabelecendo, pelo contrário, relacionamentos com todos, como o verdadeiro amor exige; que pede para se tomar a iniciativa, sem condições nem esperança de resposta; que considera o outro como a si mesmo e, portanto, leva a orientar todo o tipo de iniciativa nesse sentido: desarmamento, progresso, cooperação.

É uma reciprocidade capaz de levar cada protagonista da vida internacional a "viver o outro", as suas necessidades, as suas capacidades, não só nas situações de emergência, mas a partilhar quotidianamente a sua existência.

A paz, como testemunham também as finalidades e a acção das Nações Unidas, tem nomes novos e requer em primeiro lugar um esforço que a ONU, com o especial contributo dos senhores e de todos, pode fazer: superar a categoria do inimigo, de qualquer inimigo.

Não basta excluir o conceito de guerra; devem ser criadas as condições para que cada povo possa amar a pátria alheia como a própria, num recíproco e desinteressado intercâmbio de bens.

[...]

*Chiara Lubich*

New York, Sede delle Nazioni Unite, 28 maggio 1997.  
Stralci dall'intervento di Chiara Lubich ad un Simposio presso l'Onu

# Cuba, «capital da unidade»

## Aprender a viver como irmãos

**O encontro entre o Papa Francisco e o Patriarca de Moscovo, Kirill, a 12 de fevereiro em Cuba, relatado por pessoas do Movimento na Ilha caraíba e em Moscovo**

**Escrevem-nos de Cuba:** «Impressionaram-nos as palavras do Papa: “Se continuar assim, Cuba vai-se tornar a capital da unidade”. Às pessoas da comunidade, bem como a muitos amigos de diferentes Igrejas com quem trabalham em conjunto, foi espontâneo pensar na responsabilidade que temos em torná-las realidade. Sentimo-nos chamados a um maior empenho no caminho de comunhão, ao serviço da sociedade. O anúncio deste encontro em Havana surpreendeu-nos. Quase não acreditávamos que o Papa voltasse, poucos meses depois da primeira visita! A população em si não se apercebia da importância do acontecimento. Muitos nem conhecem a Igreja ortodoxa e muito menos o Patriarca. Conhece-se mais a Igreja católica. Desta vez, os meios de comunicação ajudaram a tomar consciência de que se estava diante de um acontecimento histórico».

**E de Moscovo:** «Um acontecimento histórico que nos interpela, pessoalmente e tem um significado especialíssimo para nós aqui na Rússia. Considerámo-lo também como uma resposta às nossas orações e vida pela unidade. Desde sempre nos sentimos, ortodoxos e católicos, parte da mesma família, a de Chiara, mas temos consciência de que a unidade ainda não é plena: as feridas existem, o que é



motivo de sofrimento. Este evento mostrou ao mundo inteiro, e antes de mais a nós mesmos, que a unidade entre as nossas Igrejas está mais próxima do que pensamos e a esperança é mais viva, mais concreta, mais forte.

Na véspera deste encontro, convidados pelo Arcebispo, Mons. Paolo Pezzi, rezámos juntos, várias comunidades e Movimentos, com membros da Igreja ortodoxa e da católica. Foi um sinal importante, que traduz o desejo e empenho – também de muitos leigos – em construir a unidade. Algumas impressões: “Agora podemos dizer abertamente que nós, ortodoxos e católicos, somos irmãos, como o exprimiram os responsáveis das nossas Igrejas”. “Isto é um ponto de partida para trabalhar juntos”. “Há anos que participava na Semana de oração pela unidade dos cristãos, mas parecia que não acontecia nada. A oração foi-se acumulando e agiu”».

Interpelam-nos estas palavras da Declaração comum do Papa Francisco e do Patriarca Kirill: «O futuro da humanidade depende, em grande parte, da nossa capacidade de dar, juntos, testemunho do Espírito de verdade nestes tempos difíceis» (n.28).

Ao cuidado da redação

Moscovo, 11 de fevereiro de 2016.  
A oração pelo encontro de Cuba





## Grande Zona da África

# A árvore que cresce

**Apontamentos da viagem dos Conselheiros da grande Zona da África, Juanita Majury e Joseph Assouad, que há pouco tempo voltaram de uma longa viagem por terras africanas**

Uma grande árvore, fruto da tenacidade e dedicação de quem viveu o Ideal da unidade nestas terras, e que cresce, apesar de fragilidades, desafios, momentos difíceis e delicados. Assim nos pareceram as comunidades que encontramos ao longo da nossa viagem à Costa do Marfim, Burkina Faso e Nigéria. Acompanhou-nos a Maria Goretti, uma focolarina do Burundi que trabalha conosco, no Centro.

### Costa do Marfim

Foi formidável a impressão que tivemos da cidadela Victoria, em Man, a 600 quilómetros a noroeste de Abidjan. São vários os serviços que oferece, como o do Centro Médico Social com consultas de qualidade, muito apreciadas e a preços relativamente baixos: tratam-se lá uma média de 80 pessoas por dia. A parceria com a Itália permite consultas via internet, quando é necessária a opinião de um especialista.

Depois, há o Centro de Nutrição, que ensina as mães a alimentar as crianças com uma alimentação completa e equilibrada, usando

produtos e plantas locais, encorajando-as a cultivá-las. Em algumas aldeias a percentagem de má-nutrição chega a 50%: uma equipa do Centro vai a várias delas para fazer momentos de formação.

Pela cidadela passam também as crianças dos arredores, para irem às próprias escolas e os jovens que vêm para jogar futebol. A paróquia é seguida por dois sacerdotes focolarinos: no domingo, a Igreja está repleta e, durante a semana, há cerca de 100 pessoas. Os sacerdotes fazem também atividades de evangelização em quinze aldeias.

Em Abidjan encontramos-nos com a comunidade. Foi um momento que começou com uma cerimónia tradicional, que criou uma atmosfera de uma tal atenção que foi possível acolher e comunicar reciprocamente o que tínhamos no coração. Não teríamos podido fazê-lo se nos tivéssemos posto logo a falar. Mais uma vez, apercebemo-nos, dos muitos valores que existem nas tradições - fruto de longas experiências - e que é necessário valorizar.

## Burkina Faso

Para os nossos “internos”, a experiência feita em Burkina Faso, durante um fim de semana, foi uma verdadeira vida de família entre todos. Vieram também de muito longe, três pessoas do Mali, representando a própria comunidade.

Tivemos a possibilidade de conhecer este País, que é o mais próximo do deserto do Sara. Muitos vivem com a água dos poços que, em



Burkina Faso, no encontro da comunidade. Devido às distâncias e ao clima pesado, os meios mais usados para as deslocações são a bicicleta e a motorizada.

muitos lugares, não é potável. Apesar da escassez deste elemento precioso, é possível encontrar - sobretudo no sul - vários tipos de hortaliças a um bom preço. É um sinal que explica algo do carácter dos “burquinabê”, um povo laborioso que não se deixa esmagar pelos desafios.

Outra manifestação desta tenacidade, desta vez no campo político, foi que, durante a crise de setembro de 2015, obtiveram o que desejavam, graças ao contributo de todas as autoridades religiosas e tradicionais.

## Nigéria

Força e confiança no amor de Deus, juntamente com a alegria de pertencer à Obra de Maria, foram as dádivas que recebemos na



Nigéria. Na Escola da Fraternidade de Igbariam

Nigéria, tanto em Onitsha como em Abuja.

A Nigéria é o País com mais população da África. As duas religiões principais são o cristianismo e o islamismo. O focolar foi aberto em 1985.

Uma das características dos nigerianos é o optimismo e o saber criar trabalho, muitas vezes em condições difícilimas. Em Onitsha há dois projetos que dão um contributo notável à sociedade local: Casa Alba e Fraternity School. A primeira é uma «escola-empresa» para raparigas carenciadas (atualmente são 23) que, com o trabalho, oferece a formação necessária para que possam ter uma vida autónoma. Na Escola da Fraternidade de Igbariam, os 214 alunos, da escola infantil ao sexto ano da elementar, para além do ensino escolarístico, recebem uma refeição por dia. Todos os dias lançam o «dado do amor» e procuram pô-lo em prática. Professores e crianças crescem juntos nesta nova experiência didática. A falta de água e de electricidade não conseguem tirar às crianças a vontade de ir à escola.

Conhecemos algumas pessoas que vieram representar as comunidades de longe (Jos, Yola,



Abubakar (o segundo à direita, junto ao Joseph) trabalhava no hospital de Jalingo, onde está um grande campo de refugiados vindos das cidades destruídas pelos terroristas. Com o seu ordenado, pôde comprar óleo de palma, mandioca e outros alimentos para levar para o campo.

Yakoko...) e que vivem tensões devidas à situação socio-política e económica, além do fanatismo religioso. Abubakar é um gen muçulmano de Yakoko, no norte da Nigéria. Leva também a palavra de vida às comunidades muçulmanas, onde - como nos contou - discutem depois como pô-la em prática, por exemplo, como fazer com que sejam uma grande família, ajudando-se reciprocamente.

Juanita Majury, Joseph Assouad



Trichy

# Encontro com a Índia

## 15 anos de frutos

A visita de Emaús Voce e Jesús Morán às comunidades dos Focolares no grande sub-continente asiático, 15 anos após a viagem de Chiara Lubich. Uma ocasião para partilhar os frutos recolhidos ao longo destes anos: a vida, as experiências feitas e os desafios a enfrentar

Desejávamos dar a conhecer à Emmaus e ao Jesús a Obra neste País, com as suas múltiplas expressões: as comunidades locais tão diferentes entre si, o relacionamento com a Igreja na Índia, as experiências de diálogo inter-religioso, as iniciativas no campo social a favor dos mais pobres e a amizade com outros Movimentos ou iniciativas que se inspiram no carisma da unidade. Mas também apresentar-lhes um pouco a Índia onde vivemos, com as suas características, diversidades e contrastes.

Foi muito mais do que um mero encontro com pessoas e lugares: foi uma experiência espiritual e um momento de luz para compreender o que Deus quer de nós hoje.

No tão esperado encontro com as comunidades do **Norte da Índia**, veio em relevo a unidade de pessoas oriundas de diferentes regiões, característica desta zona do País. Sublinhando as suas experiências, a Emmaus encorajou todos a serem um forte



Bangalor

testemunho de um mundo em que as diversidades não são motivo de discriminação, mas sim uma oportunidade de maior riqueza. Em **Delhi** houve um encontro com nove Bispos, muitos dos quais tinham conhecido o Movimento ainda como seminaristas ou sacerdotes. Disse-nos o Jesús, no final: «Foi uma das pérolas desta viagem, pela comunidade. Foi um profundo encontro, de “focolar”».

A concluir esta primeira etapa, que teve lugar no *India International Centre*, realizou-se um simpósio com cerca de sessenta pessoas de diferentes fés e culturas. Moderado pelo sr. Merchant, alto representante da comunidade Baha'i da capital indiana, o programa oferecia respostas plúrais para os desafios que o diálogo hoje enfrenta. Durante a tarde foi apresentada a experiência do





Movimento dos Focolares neste campo.

Em **Kolhapur**, no estado de Maharashtra (sudeste), cinquenta mil membros do Movimento hindú Swadhyaya ouviram a sua *leader*, Didi

pároco de uma aldeia muito pobre no interior da Índia rural, teve a ideia de iniciar um projeto para ajudar os estudos de crianças pobres, muitas das quais são dalit (sem casta).

O projeto abrange hoje em dia centenas de jovens, mas envolve também leigos e sacerdotes, numa comunidade ativa e organizada. A Emmaus e o Jesús quiseram encontrar-se com ela. «*Quero agradecer a cada um de vocês – disse a Emmaus no final –. O Focolar está a apoiar o que aqui existe, mas, neste momento, sou eu que me sinto apoiada por cada um de vocês*».

Um sentimento que se repetiu à tarde, na Missa de ação de graças, com cerca de 1200 pessoas.

Nos três dias de **Coimbatore** (Tamil Nadu) o programa constava de en-

contros organizados pelo Movimento Shanti Ashram –próximo dos Focolares desde há muitos anos: com as crianças do projeto Bala Shanti, com os participantes da vigésima primeira mesa-redonda entre membros do Movimento ghandiano Sarvodaya e os Focolares, e com mais de 1000 jovens durante o «Youth leadership summit». Estes momentos confirmaram que o diálogo inter-religioso com essas entidades progrediu ao longo destes anos. Durante esta visita examinaram-se possíveis caminhos para uma colaboração com três instituições ghandianas do Tamil Nadu, com o objetivo de inserir os estudos ghandianos no curso de

Athavale, e depois a Emmaus, falar da amizade que liga os nossos dois Movimentos. Ambas testemunhavam o empenho comum pela fraternidade universal.

Em **Bangalore**, no sul da Índia, cidade com um ritmo frenético, a Emmaus e o Jesús passaram um dia com a comunidade. Se é verdade que a estrutura da Obra demora a aparecer, numerosas famílias do Movimento têm uma grande vontade de levar o Ideal da unidade a muitos e de viver pelo «*Ut omnes*». Após as experiências, a Emmaus e o Jesús exprimiram a sua alegria pela vida nesta comunidade jovem e viçosa.

A etapa seguinte foi em **Trichy**: A presença dos Focolares teve origem numa experiência na qual se foi gradualmente formando uma comunidade original e profundamente radicada na sociedade e na Igreja local. O protagonista inicial foi o p. Susai Alangaram, um sacerdote focolarino que, em meados dos anos noventa, como



Bangalore



Nova Deli

# Um mistério que se revela

**Pluralismo, diálogo, sentido do sagrado: algumas das riquezas que a Índia pode oferecer, de modo especial, ao Ocidente. Extratos da entrevista à Emmaus e ao Jesús, durante a última Conferência telefónica CH**

«A primeira impressão foi esta – confia a Emmaus –: eu fui à espera de ir encontrar um mistério, no sentido de algo de absolutamente desconhecido. Regresso com a impressão de ter encontrado um mistério maior do que imaginava. Não um mistério no sentido de desconhecido, mas no sentido de grande, grandioso, profundo, de absoluto. Tenho, pois, a impressão



Coimbatore

de que este mistério se deverá descobrir pouco a pouco. E estou contente por os nossos do Movimento estarem lá, na Índia: pouco a pouco vão descobri-lo e fá-lo-ão descobrir a todos nós, também».

“Por um lado, esta viagem deixou-me uma grande vontade de absoluto – conta o Jesús –, um desejo de interioridade. Ficou dentro de mim, também, de um modo forte, o amor pelo pluralismo, não ter medo da diversidade. E também a beleza das pessoas, havia sempre muita gente... Encontrámo-nos com muitos jovens, muitos adolescentes: ficou muito claro que, na Índia, os jovens são o futuro. Por fim, impressionava o orgulho por ter recebido o dom do carisma da unidade e de fazer parte da Obra de Maria».

A propósito do encontro com diversos expoentes do mundo hindu, a Emmaus comentou:

«Fiquei muito impressionada ao ver como eles vivem de Chiara, do seu pensamento, da amizade que construíram com ela, do relacionamento que tiveram. Não se trata de uma recordação. Para eles é uma coisa viva, atual, até porque continuou durante todo este período com as pessoas do Movimento que lá estão. Diria que o fazem com uma intensidade extraordinária. Quase parece que conhecem melhor Chiara do que nós, em certos aspetos. Citam-na continuamente, referem até a página do livro onde leram as coisas. É impressionante».

Jesús acrescenta: «Fica-se tocado pela qualidade pessoal e espiritual destes nossos amigos hindus. E também com o seu nível intelectual: são pessoas de muito valor. Na verdade, tinha-se a impressão profunda de se estar a aprender. Têm também uma capacidade muito própria de captar o divino, aquilo que é essencial, nas pessoas. Por isso o relacionamento com eles é imediatamente profundo. A Índia é mesmo um grande tesouro. Amam muito o pluralismo e a tolerância. Mas o que é interessante é ver como eles o vivem: de um modo inclusivo. Conseguem que cada um possa manifestar muito explicitamente a própria fé, com os seus símbolos, os seus gestos. Valorizam muito o silêncio, fundamental para qualquer diálogo. Sem silêncio interior e também interpessoal não há nenhuma possibilidade de diálogo. Trata-se de uma dádiva enorme para o Ocidente que, pelo contrário, vive o pluralismo de um modo que quase exclui a crença do outro...».

A Emmaus concluiu dizendo que «O silêncio exprime também a alma religiosa do povo indiano. A dada altura senti que devia dizer: “A dádiva que vocês podem fazer a todo o Ocidente é fazer-nos descobrir de novo o sentido de Deus, o sentir Deus”».

diálogo inter-religioso do Instituto Universitário Sophia de Loppiano.

A última semana da viagem da Emmaus, do Jesús e da «equipa» do Centro, com Antonella Liguori e Roberto Catalano, conselheiros para a Ásia, foi passada em **Mumbai**, com vários encontros, entre os quais o das comunidades de Mumbai, Pune, Vasai, Goa, e representantes do Sri Lanka.

Ao conselho de Zona, a Emmaus confiou a sua alegria por ter encontrado em todo o lado a família de Chiara, com irmãos e irmãs que fazem crescer a vida do Ideal nos locais onde vivem.

Durante uma tarde com os gen, eles responderam a perguntas sobre temas relacionados com a pureza, com o discernimento da vocação e o relacionamento com os que se afastaram. «Parecia que as respostas eram mesmo para mim – dizia um gen2 –; tenho agora mais energia e coragem para viver profundamente e para que o Ideal se torne experiência de vida, mesmo se não nos reunimos muitas vezes como gen». Uma gen2 confiou-nos que, «falando da pureza, a Emmaus e o Jesús explicaram que se trata de respeitar a liberdade da pessoa que temos diante de nós e de dar a Deus o primeiro lugar, até nestes relacionamentos. Não se trata de excluir, mas de continuar a abrir-se aos outros, de os deixar entrar na nossa vida e



Mumbai

de nos fazermos um com eles».

Em **Vasai**, diocese a norte de Mumbai, reuniram-se 600 pessoas - sacerdotes, religiosos e leigos - para celebrar o encerramento do Ano da



Com o conselho de Zona

vida consagrada. Os contactos ali efetuados abriram novas possibilidades para a difusão do Ideal.

Realizaram-se ainda vários eventos de carácter inter-religioso. Na universidade de Mumbai, durante uma conferência académica promovida pelos professores hindus com quem nos mantemos em contacto, conhecemos em tempos novos docentes que, seguidamente, participaram na experiência de diálogo, vivida nestes anos. Reunimo-nos nestes dias com um pequeno grupo deles para explorar caminhos novos, para um aprofundamento do carisma de Chiara à luz da perspectiva hindu, e novas pistas para levar o nosso típico diálogo aos estudantes universitários, através da colaboração com o Instituto Universitário Sophia.

Num profundo momento de comunhão com os focolarinos e as focolarinas da Zona, a Emmaus e o Jesús deixaram-nos alguns desafios para o futuro. Resumindo o que tinha vindo em relevo, a Emaús concluiu: «... *fazer crescer as famílias-focolar; manter firmes os nós da rede para se ser um só coração e uma só alma; amar loucamente Jesus Abandonado, com o heroísmo de quem escolhe um Deus crucificado, mas que já ressuscitou*».

Com este mandato, todos tinham a forte impressão de que, na verdade, algo de novo começava para a Obra na Índia.

*Giuliana Taliana, Antonio Salimbeni*

Remetemos para a revista mariapoli online  
[www.focolare.org/notiziariomariapoli](http://www.focolare.org/notiziariomariapoli)  
para notícias sobre as diversas etapas da viagem

## Na Bielorrússia

# A concretização de um sonho

**Abriu-se o focolar na Bielorrússia. A alegria da comunidade, que já desde os anos noventa tinha encontrado o ideal da unidade**

Tornou-se realidade o focolar em Minsk: em 22 de Fevereiro, chegaram à capital da Bielorrússia, onde foram recebidas pelo amor concreto e delicado da comunidade, 4 focolarinas: Clara (italiana), Natacha (bielorussa), Alexandra (brasileira) e Ludmila (da República Checa). Na visita que em Maio de 2015 fizeram àquela comunidade, a Emmaus e o Jesús tinham já ouvido o Arcebispo Tadeusz Kondrusiewicz confirmar esta expectativa: «O mundo precisa de testemunhas. Acreditam em vocês porque vêem a vossa vida, não porque os ensinam a viver. Venham para esta terra!».

O Ideal entrou naquele País já na década de noventa, através dos padres Deonianos. Quase logo a seguir, seis pessoas – entre as quais Helena, que viria a ser a primeira voluntária bielorrussa – participaram na Mariápolis de Lublino

(Polónia) em 1991. Começaram então os encontros do Movimento e as viagens de focolarinas e focolarinos à Bielorrússia. No ano seguinte, um bom grupo participou no festival de jovens em Varsóvia e, logo depois, foram à Bielorrússia 40 da Polónia, para juntos prepararem o GenFest '93. Continuaram as visitas de focolarinas/os e os encontros na Polónia. Em 1997 realizou-se em Lahavicy a primeira Mariápolis bielorrussa, com a participação de 70 pessoas. Passou então a fazer-se todos os anos. A partir de 2007, verificou-se um maior dinamismo no crescimento das comu-

nidades, graças aos focolares temporários de verão. Nos últimos anos passaram a integrar membros de diversos ramos da Obra. Começam a despontar vocações para a Obra: gen, voluntárias e voluntários, famílias (duas delas, os



Papkovskiye e os Matys, de Minsk, viriam a frequentar a escola Loreto de Loppiano, durante um ano), focolarinas e focolarinos casados, sacerdotes, gen3, gen4 e uma focolarina, Natacha, que integra o grupo que acaba de chegar a Minsk.

Perguntámos-lhe: «Para ti, que viveste as inquietações e as esperanças do teu povo, o que significa





regressar à Bielorrússia para abrir o focolar?». Natacha: «Quando caiu o muro de Berlim, desejava ardentemente que as coisas mudassem também no meu País. Tínhamos descoberto que éramos bielorrussos (e não soviéticos) e que o nosso povo tinha uma história própria, a sua língua, as suas raízes e valores muito bonitos. Como muitos jovens naquela altura, também eu queria contribuir para a mudança. Quando encontrei o Ideal entendi que só Deus podia ser a verdadeira fonte do renascimento do meu povo. Como? Mudando os corações. Depois destes anos de vida ideal em outros Países, com irmãos e irmãs de tantas zonas do mundo, posso agora dizer mais. Creio que Jesus no meio renovará o povo da Bielorrússia, tal como o faz com todos os povos da Terra. Não só para lhe restituir a identidade ou para resolver os vários problemas que existem, mas para lhe dar outra perspetiva: o “*Ut omnes*”».

Existem pessoas da comunidade também em Lahavicy e em Pastavy,



para além de Minsk. Para todos, a abertura do focolar é motivo de grande alegria.

Apesar da difícil situação económica, cada um quis dar o seu contributo para mobilar o apartamento. No focolar vêem o precioso «rubi» que, tal como num relógio, garante a vitalidade de toda a família da Obra. «Vir para a Bielorrússia – diz a Alexandra – é continuar a viver aquele “jogo de amor” que nos permite aprofundar cada vez mais a união com Deus. Tenho a sorte de aqui estar, neste Reino dos Céus que se torna visível também pelo cêntuplo que todos os dias recebemos».

Quando se disse que se iria abrir o focolar feminino em Minsk, alguém tinha comentado: «Terão que ser mulheres fortes!». As quatro focolarinas sabem que a única força de que dispõem não vem delas mesmas, mas do próprio Jesus que se torna presente pelo amor recíproco (Mt 18,20) e pela escolha incondicional de Jesus Abandonado. Diz-nos Clara: «Para mim, vir para aqui significou dar de novo a minha vida a Deus, pronta para tudo o que Ele quiser de mim. É Ele que me reveste de uma força e uma liberdade que ninguém me poderá tirar».

Em nome de todas, conclui Ludmila (Lumi) –«Para este novo começar escolhêmos para nós esta frase de Chiara, tirada de uma carta de 13 de Dezembro de 1956 à zona da França, quando se abria o focolar: “Vocês são pequenas, pobres, cheias de dificuldades: mas é por isso mesmo que Deus irá agir. Foi assim que fez conosco. Fará o mesmo com vocês».<sup>1</sup>

*ao cuidado da redação*

1 Dal libro *Una via nuova* di Chiara Lubich, pag.78

# Gen 2

## Juntos de todo o Brasil

**O Centro gen encontrou-se com as e os gen deste grande País.  
Uma etapa importante no percurso da nova Zona única**

O Brasil é uma nação de dimensões continentais. É único: um mosaico de raças e culturas. Desde há um ano que os membros do Movimento dos Focolares trabalham para fazer um «Brasil Uno», das seis zonas que existiam. E coube à segunda geração dar o primeiro passo: reunir os e as gen dos vários pontos deste grande país. Assim, pela primeira vez, no início de 2016, os gen viajaram do norte ao sul, de este a oeste para se encontrarem num único movimento, acolhendo, como um grande presente, a presença dos responsáveis mundiais, Gabriella Zoncapè e Marius Müller.

Em cada encontro, pequeno ou grande, assistimos ao que Chiara Lubich chamava «abrir-se da Rosa mística»: cada um veio, trazendo uma vida de dificuldades, vitórias, alegrias e experiências, e voltámos totalmente renovados, cheios de gratidão e esperança, prontos para levar este fogo e esta luz a todos os pontos desta grande nação.



Gabriella e Marius chegaram a 7 de janeiro. Primeira etapa: Belém, Mariápolis Glória (no norte do Brasil), onde se encontraram com 95 gen dos vários Estados que formam a Amazônia (Pará, Amapá, Amazonas, Piauí e Maranhão). Nos dois dias de encontro, os gen deram a conhecer as peculiaridades daquela terra imensa, onde está viva a certeza de que a unidade pode vencer distâncias, tempo, dificuldades económicas, sociais, espirituais e incarnar o Ideal na própria vida.

### **A 13 de janeiro, nova etapa:**

Mariápolis Santa Maria, Igarassu (no estado de Pernambuco, nordeste) para se encontrar com os «brancos gen» e os assistentes de todo o Brasil, para uma escola de nove dias. Eram 172, de todas as zonetas. A este grupo juntaram-se duas focolarinas, duas gen argentinas e uma gen colombiana, que deram um ar ainda mais amplo da Grande Zona da América



Latina a que pertencemos.

Na troca de experiências viu-se o caminho percorrido e os passos que ainda temos de dar para a construção da nova organização. A escola deu-nos o património mais precioso da espiritualidade: as experiências mais altas e profundas vividas por Chiara e pelos seus primeiros companheiros em '49, para nos formar com as raízes no Ideal. Ao mesmo tempo aprofundámos temas e desafios atuais e locais, sublinhando que somos «a atualização» da Obra de Maria, chamados a incarná-la, genuína e viva, no contexto onde vivemos.

As palavras de Chiara, sempre espiritualmente presentíssima, caíram como semente em terra fértil. Surgiram muitas perguntas que encontraram resposta com a

com o amor, a Terra em Paraíso.

**Depois deste encontro**, o Marius foi à Argentina para um primeiro congresso dos gen da Zona Sul, e a Gabriella foi para a Mariápolis Ginetta ( a cerca de 40 Km de São Paulo), onde se encontrou com os e as gen do centro-sul do País, reunidos para o seu congresso.

Foi no carnaval. A esperá-la 330 gen, de Brasília ao Rio Grande do Sul. Depois de ouvir a primeira lição de Chiara sobre o Paraíso '49 e uma comunicação de Peppuccio Zanghi, que criou neles uma nova perspectiva do alcance do carisma da unidade, disseram que sentiam um novo impulso para viver a vocação gen com profundidade e radicalidade: «...Vivíamos momentos de desencorajamento pela falta de perspectivas, depois da



Com Marius Müller



Com a Gabriella Zoncapè (segunda da direita)

luz de Jesus no meio.

«A escola dos “brancos” ajudou-me a dar um passo novo como movimento gen – comentou uma gen –. Como a Silvana disse num dos seus últimos dias: “agora é o tempo da responsabilidade, vão em frente, gen!”».

Acabada a escola, para a Gabriella e a Marius começou uma série de encontros para conhecer as particularidades do Nordeste, berço do Ideal no Brasil, como uma peregrinação. Para além da Mariápolis Santa Maria: Recife, João Pessoa, Aracaju e Maceió, para conhecer as e os gen, ver de perto os problemas das suas cidades, os desafios, as lutas e os frutos da vida gen. Em todos renasceu a vocação gen, prontos a vencer as tentações da resignação, e lançados para transformar,

morte de Chiara. Este encontro renovou-me como gen e deu-me um novo ânimo em relação ao futuro do movimento gen» – disse Luís Felipe Coelho, de Brasília.

«Este período com a Gabriella e o Marius foi importante para construir pontes: entre o Brasil, o Centro Gen e o Centro da Obra; entre as e os gen e as e os assistentes; entre o Movimento na América Latina. Estas pontes levam-nos à realidade do mundo unido que queremos construir, e que, ao mesmo tempo, já existe. Agora estamos mais fortes para fazer avançar a nossa revolução (sair), certos de que vamos juntos e mais preparados!» sublinhou a Cynthia, de Belo Horizonte.

*As e os gen das unidades Arcoíris do Brasil*

# Consagradas e religiosos Vinho novo em odres novos

**Foi a primeira vez que as consagradas e os Religiosos do Movimento passaram juntos dois dias dos respetivos encontros anuais. Eram 240, provenientes da Itália, de vários Países da Europa, da África, das Filipinas, da China**



No ano dedicado à unidade, a novidade e os vários aspectos do carisma da unidade foram mais evidentes graças à comunhão expressa na riqueza da presença masculina e feminina. Modos diferentes e complementares de ver e viver o Ideal de Chiara Lubich, prova evidente da unidade na diversidade. Viveu-se a liberdade e a alegria de nos sentirmos filhos e filhas de Chiara na comunhão dos nossos carismas, clarificados e postos ao serviço da Igreja.

A presença, neste encontro, do cardeal João Braz de Aviz, Prefeito da Congregação para os Institutos de vida Consagrada e as Sociedades de vida Apostólica, confirmou o caminho comum. Na sua intervenção, e no diálogo que se seguiu, referindo várias vezes o Papa Francisco, o Cardeal afirmou com clareza que a espiritualidade individual já não é suficiente, embora mantendo válidos e necessários os elementos fundamentais: «É preciso colocar vinho novo em

odres novos, visando fortemente a qualidade dos relacionamentos na vida comunitária. Devemos – disse com coragem o Prefeito – desmontar as estruturas pessoais individualistas que construímos, para estarmos na novidade que hoje a Igreja quer, como, por exemplo, no modo de viver o re-

lacionamento autoridade-obediência. O relacionamento superior-inferior destrói a fraternidade. A verdadeira autoridade é a que ocupa o último lugar e serve evangelicamente». E ainda: «Devemos ser especialistas da comunhão, superando críticas, mesquinhez, antipatias, etc. Devemos ir juntos para as periferias existenciais, deixando para trás o nosso eu. Devemos ser corajosos e evangelizar juntos, com a riqueza da diversidade dos nossos carismas».

Partindo da luz trinitária, pode-se compreender melhor o relacionamento





homem-mulher, válido também para a vida consagrada. «Como na intimidade de Deus convivem unidade e diversidade, assim, entre homem e mulher, existe um relacionamento de unidade e diversidade. Eu preciso do outro para amar e a diferença enriquece a unidade».

O tema da Emmaus sobre a unidade: *o nosso carisma*, abriu o horizonte desta realidade, nas três palavras chave: a unidade é realmente uma dádiva que vem de Deus como uma autêntica maravilha, estimula constantemente o nosso empenho, faz perceber a responsabilidade que temos e coloca diante dos nossos olhos a meta, rica de objetivos a atingir, com a graça de Deus.

Durante os dias passados juntos, um outro momento forte foi o tema apresentado por Renata Simon, encarregada no Centro da Obra, com Francisco Canzani, do aspecto «Sabedoria e Estudo». Com escritos de Chiara, conhecidos ou inéditos, realçaram-se as raízes profundas dos nossos diálogos, reavivando a consciência de que toda a nossa vida de unidade pode ser vista na dinâmica do diálogo. A raiz capaz de superar cada dificuldade é um relacionamento constante com Jesus Abandonado, que se fez nada para redimir tudo. Na intensa comunhão que se seguiu, ecoou a força deste desafio, quer nas nossas famílias religiosas quer na Igreja e na sociedade.

Uma religiosa: «Estou grata pela graça da unidade, estou pronta para me

empenhar e estou cada vez mais atraída pela meta. O momento mais forte de conversão foi no primeiro dia, com o convite a estar no silêncio, que vem depois do grito: o meu grito, o grito que recolho, porque depois, aquele silêncio é Jesus Ressuscitado, a sabedoria que pode falar. Recolher o grito, primeiro o meu e depois o dos outros, fez-me experimentar a necessidade de saber fazer o vazio».

É importante também a dimensão de unidade que muitos vivem na comunidade local: «Somos uma pequena comunidade local, rica em vocações e com religiosos e religiosas e encontramos-nos numa paróquia, assim, quem quiser participar, sente-se mais livre. Procuramos ser um coração vivo. Estamos a preparar a Mariápolis da zoneta e também a nós, religiosos, foi confiado um aspecto. Estamos sempre em movimento pela Obra una e para tudo».

Uma nota de esperança para o futuro. Foram apresentadas algumas experiências de jovens religiosos, que já se encontraram em diversos lugares depois do encontro de setembro de 2015 em Roma, com o Papa Francisco. (v. Mariápolis n. 10-11/2015) Foi significativa a da Espanha. As consagradas e os religiosos da Obra dali, sem aparecerem, mas com paixão, servindo e amando, realizaram um Congresso em nome da Conferência Espanhola dos Religiosos, com a participação de 250 jovens religiosas e religiosos.

*Ir. Antonia Moiola, p. Salvo D'Orto*



### Escola de ecumenismo

# A linha avançada da unidade

Em Castel Gandolfo, 70 pessoas de seis Igrejas para partilhar as alegrias e os desafios do caminho comum em direção à unidade.

Uma data apropriada, escolhida para a vigésima primeira escola sobre o ecumenismo, realizada em Castel Gandolfo, do dia 4 ao dia 7 de fevereiro. De facto, precisamente nesses dias, o mundo inteiro presenciou um grande gesto de unidade, esperado há mil anos: o encontro entre o Papa Francisco e o



Um diálogo com o teólogo valdês, Paolo Ricca

Patriarca Kirill de Moscovo e da Rússia.

Este acontecimento insere-se numa atualidade cheia de sinais de reconciliação e de comunhão entre as Igrejas. No próximo mês de Junho de 2016 haverá o Santo Sínodo Pan-Ortodoxo que, passados treze séculos, reunirá catorze Patriarcados e Igrejas.

O ano 2016 assinala também a data em que se comemoram os 500 anos da Reforma protestante que, pela primeira vez, vai ser celebrada com um espírito ecuménico. O Papa Francisco, no dia 31 de outubro, vai participar na liturgia ecuménica de abertura das cerimónias de comemoração, promovidas pela Federação

Luterana Mundial e o Conselho Pontifício para a promoção da unidade dos cristãos, em Lund (Suécia).

«Juntos pela Europa» que se reunirá em Munique (Alemanha, de 30 de Junho – a 2 de Julho) também se integra nestes eventos comemorativos, oferecendo um eloquente testemunho de colaboração entre cristãos de mais de 400 Movimentos e Comunidades de diferentes Igrejas. O título da atividade é: «Encontro. Reconciliação. Futuro»...

Um dos objetivos da escola de Castel Gandolfo, em que participaram 70 membros de seis Igrejas, foi partilhar as alegrias e os desafios do caminho ecuménico das várias Igrejas, aprofundando a abordagem do carisma da unidade, de Chiara Lubich.

Para dar início aos trabalhos, apresentou-se uma entrevista feita a Gabri Fallacara – testemunha dos primeiros tempos. Com ela, fez-se o percurso do caminho realizado no diálogo entre os Cristãos, desde os anos 60 pelo Movimento dos Focolares. Depois, Renata Simon, a focolarina que, no Centro da Obra, está encarregada do aspeto «Sabedoria e Estudo», através de alguns textos de Chiara de 1949, ilustrou como é que o diálogo estava no ADN desta espiritualidade desde o princípio.

**A intervenção do teólogo valdês, Paolo Ricca** conduziu os presentes até às dolorosas feridas e divisões, existentes desde há séculos, entre as Igrejas, suscitando uma maior consciência do alcance da visita do Papa Francisco à Igreja

valdesa de Turim (Itália), feita em Junho de 2015.

«Segundo o que compreendi – disse o pastor Ricca – o Movimento dos Focolares é um grupo que antecipa, penso eu, na sua própria realidade, na sua composição, aquilo que nós esperamos que seja e, no modo como virá a ser, a unidade cristã. Quer dizer, aquilo que, se bem que de forma sumária, o atual Papa definiu como diversidade reconciliada [...] os Focolares são exatamente isso, são "diversidade reconciliada", porque nele existem membros de diferentes Igrejas cristãs que não só coexistem, mas vivem entre si uma unidade que é praticamente a unidade cristã». «Por isso, se percebo bem – continuou ele – vocês, justamente pelo modo como estão constituídos e como vivem a vossa vocação, são o posto avançado, a linha dianteira do Movimento ecumênico». Como observou um dos participantes da escola, esta afirmação «chama-nos a uma fidelidade ainda maior a Jesus Abandonado e a merecer a presença de Jesus entre nós, como ícone de uma 'diversidade reconciliada' ».

**O reverendo Andrzej Choromanski, do Conselho Pontifício para a unidade dos cristãos, com a sua intervenção** pôs em evidência a relação que existe entre a Igreja Católica e o Concílio ecumênico das Igrejas. Hubertus Blaumeiser, sacerdote focolarino, juntamente com uma focolarina Mirvet Kelly, apresentaram reflexões para aprofundar o documento Fé e



O prof. Dimitrios Keramidas fala do Santo Sínodo Panortodoxo

Constituição, do departamento teológico do Conselho ecumênico das Igrejas «A Igreja: em direção a uma visão comum».

O Movimento dos Focolares aderiu ao pedido feito pela Fé e Constituição a todas as Igrejas, Universidades e outras entidades, no sentido de oferecer uma

resposta. Esta foi preparada por cinco teólogos do Movimento, membros de quatro Igrejas.

**O prof. Dimitrios Keramidas falou sobre o Santo Sínodo Pan-Ortodoxo** que se realizará no mês de junho, em Creta, enquadrando-o na história da Igreja ortodoxa, na sua estrutura e na profundidade da sua doutrina. Este encontro, comparável ao Concílio Vaticano II da Igreja Católica, vai ser importantíssimo para os representantes dos catorze Patriarcados e Igrejas ortodoxas, e acrescentou: «será também importantíssimo para todo o mundo ecumênico».

Nos momentos de comunhão, foi evidente a alegria com que, se no passado na partilha das experiências locais vinham em relevo as dificuldades e o esforço de procurar estabelecer o diálogo, agora recolhem-se os frutos desse comum compromisso de viver nas e para as Igrejas locais.

Este é o «diálogo da vida» no qual estamos comprometidos, neste caminho, juntos, em direção à unidade

Editado pelo Centro "Uno"



# Nova Humanidade a novíssima Nova Humanidade

*Nova Humanidade*, a revista trimestral de cultura do Movimento dos Focolares, muda de aparência!

Após 38 anos desde que Chiara a fundou, ela renova-se, mudando radicalmente o próprio formato gráfico e atualizando o projeto editorial. A primeira grande novidade é que cada número será dedicado a um *Focus*, isto é, um tema importante, que ocupará metade da revista. Para 2016 os *Focus* planejados são os seguintes:

- NU 221** • Meio milénio depois de Lutero;
- NU 222** • 25 anos de Economia de Comunhão;
- NU 223** • Uma visão comum da Igreja;
- NU 224** • Ciência e fé.

Há outras rubricas? Sem dúvida. Continuaremos a publicar algumas rubricas, selecionadas entre as previstas na redação, numa propositada rubrica chamada *Pontos cardiais*. Esses serão escolhidos pela sua relevância formativa, pelo aprofundamento original e pelo estilo acessível da linguagem. Um lugar de relevo, pois será um espaço dedicado às nossas fontes espirituais. Continuaremos a publicar também textos inéditos de Chiara Lubich e dos cofundadores, assim como excertos sobre o *Paraíso de 49*.

**Ser uma revista de cultura, hoje em dia, não é fácil.** Devido à crise nas editoras, algumas já interromperam as suas publicações, outras estão em vias de o fazer. Parece evidente que os instrumentos culturais - como *Nova Humanidade* - têm necessidade de acompanhar as suas produções editoriais com uma organizada presença na Web. Por isso convidamo-vos a seguir *Nova*

*Humanidade* também no Facebook, Twitter e LinkedIn. Podem conhecer as novidades, entrar em contato com os seus autores, ter algumas antecipações, inter-agir com o Conselho de Redação e com o Comitê Científico. Algumas breves entrevistas vídeo daqueles que assinarão os artigos ajudar-vos-ão a entrar na sua matéria e nas suas



interpretações.

**O próximo número da revista**, a sair no fim de março, terá para todos uma agradável e interessante surpresa!

O *Focus*, tratado pelo pe. Hubertus Blaumeiser, é dedicado a Lutero, quase a 500 anos do início da Reforma. Dentro, no *Focus*, encontramos escritos de dois eminentes teólogos do mundo ecuménico, um luterano e outro católico, enquanto Callan Slipper nos ajudará a conhecer um novo conceito do ecumenismo atual. No *Focus* publicam-se também os «Cinco imperativos ecuménicos», produzidos pela comissão conjunta católica-luterana, inseridos

# A aventura de Duccia

Em diálogo com Iliaria Pedrini, autora de *O século vinte, no testemunho de Duccia Calderari*, editado por Città Nuova

## Que importância tem este livro para as pessoas do Movimento e para quem quer conhecer o Movimento dos Focolares?

Nos últimos quinze anos da sua vida, a Duccia Calderari viveu com extraordinária energia e eficácia o mandato recebido de Chiara Lubich de ser «testemunha dos primeiros tempos»: são incontáveis as vezes que ela, alegremente e com solenidade, ofereceu e comunicou a famílias ou a grupos, que chegavam a Trento para visitar a «cidade natal», a sua experiência, a começar pelo conhecido episódio dos «sapatos nº 42». É uma função que desejamos que agora possa continuar, através destas páginas que - pela abundância das transcrições dos seus relatos, no seu inconfundível estilo

num de um documento mais amplo. A parte relativa às rubricas (*Pontos cardeais*) contém escritos de Michele Zanzucchi, Silvio Minnetti e Lucia Abignente. Uma outra pérola é o contributo de Fabio Ciardi, que nos guiará, através de um percurso original, a conhecer o *Paraíso 49*. Enfim, no próximo número vai aparecer pela primeira vez um selo, do pe. Giovanni Berti, que trará a rubrica *Murales*, na qual, através de uma ilustração satírica, suscitará a nossa reflexão.

Christina Roth

### Para ser assinante

Aconselhamos a todos que verifiquem se a sua assinatura foi renovada e, para quem ainda não é assinante, a fazê-lo, para não perder o primeiro número da novíssima *Nova Humanidade!* Em [www.nuovaumanita.cittanuova.it](http://www.nuovaumanita.cittanuova.it) podem, também online, gerir facilmente a vossa situação.

- queriam ser para o leitor uma espécie de autobiografia.

Pode haver também outro motivo de interesse: a possibilidade de ir à raiz do «desígnio» de Duccia, enquanto voluntária de Deus e a primeira entre todos. Nos traços da sua personalidade, nos seus múltiplos interesses, na generosidade com que era capaz de dar a sua vida pelos outros, nas escolhas lúcidas e corajosas, torna-se evidente a personalidade de uma mulher que Chiara teve ao lado e à qual escreveu três cartas fundamentais - duas delas quase inéditas - respeitante a um «desígnio», uma «esplendíssima estrada», uma «vocação» original.

Por outro lado, agradecerá a muitos descobrir na biografia a forte ligação humana e espiritual entre a Duccia e Iginio Giordani-Foco, com quem ela colaborou, quer na redação de *La Via* (nos anos 1950-52), quer no «Centro Uno» para o ecumenismo, de 1961 a 1980, ano da morte de Foco.

## Tu conhecestes a Duccia pessoalmente?

Sim, tive a alegria e a sorte de estar naquele núcleo que a Duccia escolheu para se unir no último ano da sua vida, como se diz na sua biografia. De setembro a dezembro de 2008, encontrávamo-nos de quinze em quinze dias na sua casa. Foram encontros maravilhosos, inesquecíveis, nos quais ela trouxe a sabedoria das origens.

ao cuidado da redação

a entrevista integral  
a Iliaria Pedrini está em *Mariápolis online*:  
[www.focolare.org/notiziariomariapoli](http://www.focolare.org/notiziariomariapoli)



## América do Sul e Irlanda

# Duas missões originais



Experiências de «saída» para as periferias que têm intensificado a corrida para o «*Ut omnes*»



### América do Sul

«A primeira surpresa foi estarmos com eles a queimar folhas de tabaco, a fiar lã, juntos. Olhando para nós diziam-nos: vão-se sujar, vão-se cansar! Mas nós queríamos mesmo isso: entrar nas suas vidas, partilhar com eles o suor do cerco (plantação de tabaco)». A falar está Marisa Lopéz, focolarina em Buenos Aires, que, com outros seis, focolarinas e focolarinos de várias cidades argentinas, juntamente com 35, gen e jovens argentinos e paraguaios, animaram uma missão em El Espinal, uma aldeiazinha na Cordilheira dos Andes. Antes de partir, intensionalmente, não tinham feito nenhum programa, para o deixar surgir do coração daquela gente. Também isto fazia parte do sair... dos esquemas!

No primeiro encontro estavam só duas pessoas, para chegarem a ser, no fim da semana, 150 pessoas. Nenhuma das quais, porém, teria imaginado que, na capela onde o sacerdote vai só ao domingo, além da celebração da Palavra, à comunhão sobre a vida do



Evangelho que se tornava mais profunda de dia para dia, se acabaria com o baile *cumbia* (baile típico argentino), acompanhados pelo conjunto musical que eles mesmos quiseram convidar.

No local, para passar as férias, estavam também muitos jovens que estudam na cidade. Pouco a pouco também eles se aproximaram: para os passeios, os jogos de futebol, os filmes, ou só para «estar com aqueles missionários» tão especiais. Estes, entre os frequentes cortes de energia, a falta de gás e água corrente e o ruído ensurdecedor por causa das obras na escola que os hospedava, foram realmente os primeiros beneficiários da missão. «Tudo era precário - comenta Augustin, no focolar da Mariápolis Lia - mas tudo fazia parte daquela "loucura de dar" que nos impulsionou a ir ali, e

que às vezes, rodeados pelo bem-estar, corremos o risco de perder».

Nestes sete dias não faltou a Providência, que - como dizem - os surpreendeu até à comoção.

Muitos jovens quiseram aprofundar a vida de focolar. Assim, focolarinos e focolarinas, encontraram-se a contar a própria história, sentados numa pedra do rio, caminhando pela estrada, ao almoço, ao lavar a loiça ou simplesmente partilhando um chá *mate*. Alguns decidiram fazer uma experiência gen em O'Higgins. Uma rapariga, depois de ter estado um ano longe de Deus, quiz confessar-se, outra quer fazer nascer no local um grupo de jovens e perguntou como podia fazer.

Os gen de Salta empenharam-se a voltar ali todos os meses, para continuar esta original «missão» e construir, juntamente com as pessoas do local, o «muitos um só corpo».

### **Irlanda**

«As notícias sobre a Assembleia - conta Aine, voluntária irlandesa - deu-me um impulso novo para "sair" para as periferias. Mas, como já estou reformada e não tenho nas minhas proximidades uma comunidade do movimento, não sabia como concretizá-la».

A ocasião apresentou-se através de uma senhora, conhecida quando Aine ainda ensinava, que se dispôs a ajudá-la a levar uma lufada de ar fresco numa paróquia vizinha.

«No passado - continua Aine - teria encontrado mil motivos para não ser envolvida: não é o nosso projeto, devemos dar prioridade às atividades da Obra, etc. Mas senti que podia ser uma ocasião para ir... para as "periferias"».

O pároco explicou a Aine que a frequência à igreja é quase exclusivamente de pessoas idosas, mas que, nos arredores, há um

grande afluxo de famílias jovens, imigrantes de África, Ásia e Europa do Leste as quais, ainda entusiasmadas pela sua fé, não conseguem inserir-se. Veio assim a ideia de uma Missa dominical para as famílias, ligada à preparação das crianças para os sacramentos.

«Iniciámos com um grupo muito pequeno - conta Aine - . Depois, pouco a pouco, fomos envolvendo as crianças e os pais, indo às suas casas anunciar a iniciativa. Muitos pais começaram a participar com entusiasmo, e as suas crianças a vir frequentemente à igreja para participar no coro. Recentemente reunimo-nos todos no centro paroquial para o "café-chá e bolos" e ali vimos que as pessoas, que nunca tinham comunicado entre elas, trocavam opiniões sobre aquilo que se está a desenvolver na paróquia, entusiasmadas por ver como as crianças cantam os hinos, até em casa. Uma família filipina ofereceu-se para dar, gratuitamente, lições de guitarra. Apesar das várias proveniências e das diversas culturas, está-se verdadeiramente a construir a comunidade paroquial. É uma experiência ainda em curso, para a qual o meu núcleo e toda a Obra me estão a apoiar e encorajar. Está a ser uma experiência que me abriu os olhos sobre as necessidades das pessoas e sobre a existência - também no território onde vivo - de "periferias", nas quais poderei dar o meu pequeno contributo».

*ao cuidado de Anna Friso*



*Os perfis das focolarinas e dos focolarinos foram sintetizados, para deixar espaço também a testemunhos de outros ramos da Obra. São exceção os de Giorgio Martelli (Turnea) e de Claretta Dal Ri. Em [www.focolare.org/notiziariomariapoli](http://www.focolare.org/notiziariomariapoli) foram integralmente inseridos os telegramas da Emmaus e outros perfis que não foi possível inserir nesta edição.*

## Giorgio Martelli (Turnea)

No dia 26 de janeiro, um outro «gigante» do Ideal partiu para o Céu, aos 88 anos de idade. Foi um dos primeiros focolarinos, companheiros de Chiara no tempo carismático da fundação da Obra, e deixou-nos um legado: a sua profunda procura de «ser Jesus».

O Turnea, nome que Chiara lhe deu com base na ladainha mariana *turrisburnea* (Torre de Marfim), nasceu numa família de operários de Pistoia (Itália). Foi educado na fé com simplicidade, num ambiente de retidão e desejo de justiça. Aos 14 anos interrompeu os estudos para começar a trabalhar. No fim da guerra voltou à escola para tirar o curso de perito industrial e, mais tarde, para se preparar para o sacerdócio.

Até aos 23 anos fez parte da Ação Católica, onde recebeu uma sólida formação. Às vezes, a sua alma atravessava uma certa inquietude: «Havia dois aspetos - contou em 2014, sobre esse período - que se me apresentavam alternadamente: um mais pessoal, de procura da relação com Deus, o outro mais social, de necessidade de fraternidade entre os homens, de justiça e das lutas para conseguir alcançá-las». Ao encontrar



Chiara, descobriu que estes dois aspetos não estão separados entre si, mas são a expressão de uma única realidade. «Era sindicalista - continuou a contar - e estava sempre em

confronto com os próximos, que eram quase sempre os patrões, os empregadores. Batia com o punho, discutia... Ali, com Chiara, aconteceu que, na minha alma, o amor de Deus se ligou com o amor aos irmãos. Ainda mais. Percebi que o Evangelho, a vida de Deus e a vida trinitária podiam resolver os problemas da humanidade. E foi uma revolução para mim».

O Turnea foi a Roma várias vezes e lá conheceu também as primeiras e os primeiros focolarinos. Cada vez mais impressionado pela luz do carisma, decidiu ser como eles, apesar da incompreensão dos pais e da namorada. Percebeu que tinha de deixar para eleger Deus de modo totalitário. Mudou-se, assim, para o primeiro focolar masculino de Roma. Nos anos seguintes, esteve em vários focolares na Itália e na Holanda.

Em 1968, Chiara chamou-o para o Centro, tendo-se tornado o primeiro responsável do recém-nascido ramo dos Voluntários de Deus. Nos oito anos em que foi responsável dos Voluntários, o Turnea conseguiu conceber - fazendo-as



Turnea, o primeiro da direita, com o p. Foresi, Chiara Lubich e algumas das primeiras e dos primeiros focolarinos.





Turnea com Paolo Mottironi, atual responsável dos Voluntários de Deus

emergir dos próprios voluntários - os regulamentos que haveriam de orientar e definir os fundamentos deste ramo da Obra, composta por pessoas que se ofereceram a Deus e decididas a testemunhá-Lo na família, nas várias expressões da vida social, no cumprimento e no profissionalismo do seu trabalho. Ainda agora os voluntários o sentem como um pai, um mestre, mas, sobretudo, como um irmão.

Em 1978 mudou de funções. O então arcebispo de Florença, Card. Bemelli, pediu ajuda a Chiara para criar um centro internacional para receber estudantes de várias culturas. Chiara pensou em Turnea, cujo perfil espiritual e humano se adequava perfeitamente à tarefa que o esperava. Foi muito interessante o testemunho do atual arcebispo, o Card. Betori, que expressou à Emmaus, no momento da altura da partida, toda a sua gratidão pelo trabalho de Turnea na altura da fundação do Centro La Pira, «pela sua contribuição peculiar e eficaz, com a sensibilidade social, a inteligência e o amor que o distinguia, como promotor de comunhão entre os vários grupos e as realidades associativas da diocese».

Sempre em conformidade com as

características do Turnea, evidenciadas por uma consistente e profunda espiritualidade, foi-lhe confiado o aspeto «Harmonia e Ambiente», que diz respeito aos edifícios, às cidadelas, aos Centro Mariápolis, à arte e às obras sociais. Uma função que viveu com paixão e que o levou a fazer numerosas viagens por todo o mundo, em que teve oportunidade de transmitir competência, coragem e conselhos aos responsáveis da Obra, nos locais por onde passou. No decorrer dos anos, pudemos assistir ao seu trabalho também noutras funções: como primeiro

co-responsável do Movimento Jovens para um Mundo Unido, ou como coordenador das atividades audiovisuais do Centro Santa Chiara e da banda internacional Gen Rosso. Levava a todas estas expressões da Obra o amor da fundadora e a unidade de todo o Centro da Obra, de que ele fazia parte como Conselheiro.

Desde 2008, ano em que ficou sem encargos específicos, continuou a estar próximo de muitos focolarinos dando-lhes conselhos e celebrando a Eucaristia. Em 2012, surgiu uma doença que gradualmente o fez perder as capacidades motoras. O Turnea soube aceitar "o jogo" de Deus e, no amor a Jesus Abandonado, transformou as limitações e os sofrimentos em muitos atos de amor. «Recebia com alegria todos os que vinham visitá-lo - contou um dos seus

companheiros de focolar e amigo de sempre, o Bruno Venturini - falava com lucidez, embora muitas vezes com grande dificuldade, mas transmitia sempre um pensamento profundo, que espelhava a sua plena adesão à vontade de Deus».

## A Quinta Essência...

«...para mim, a quinta essência de ser focolarino é viver Jesus, em todas as suas expressões. Pelo menos, tento. Isto nunca está concluído: eu nunca estou contente com a forma como vivo. Mas procuro, todos os dias, pôr-me nesta ideia que Chiara me deu, de ser um focolarino, chamado a ser Jesus. Por isso, ter menos ocupações na Obra, julgar se alguma coisa na Obra é justa ou não é justa, não importa. Parece-me que só importa ser Jesus. Depois, se for preciso dar um conselho, dá-se, se for preciso expressarmo-nos então fazemo-lo, mas o que importa é ser Jesus. Pelo menos assim espero... pela misericórdia de Deus e pela de todos vocês...» (9.12.2014)

## Clara Dal Ri' (Claretta)

No dia 25 de fevereiro, deixou-nos, aos 85 anos de idade, uma outra das primeiras focolarinas. A sua grande paixão era: Jesus Abandonado. E um grande amor pelas pessoas de convicções não religiosas.

Também eu - escrevi, em 1999, a Chiara - quero ser recordada unicamente como "uma alma esposa" de Jesus Abandonado. Quero procurar o Amado do meu coração. Com a ajuda de Deus, vou conseguir fazer isso». Quem conheceu a Claretta - e muita gente do mundo inteiro beneficiou da sua ação espiritual e concreta - pode muito bem testemunhar o veemente desejo que norteou toda a sua vida.

Filha de um notário e de uma professora, desde muito pequena, a Claretta recebeu uma educação profundamente cristã. Porém, aos 18 anos, apesar de ir à comunhão todos os dias, encontrava-se ainda à procura. Os grandes temas que a apaixonavam: leitura, música, arte, política, os seus amados Alpes, não a satisfiziam plenamente. Foi o seu próprio pai que a apresentou a Vale Ronchetti, uma das primeiríssimas companheiras de Chiara, pedindo-lhe que... a convertesse! A Claretta ficou profundamente impressionada pela maneira de ser e de viver da Vale e confidenciou-lhe: «Quero fazer como tu, ajuda-me». Começaram assim a encontrar-se com frequência. Os familiares, os seus colegas de liceu e até os professores não conseguiam explicar a mudança desta rapariga que, na avaliação de comportamento, sempre teve a nota sete. Num passeio nas montanhas, com cerca de quarenta focolarinas e focolarinos, também a Claretta teve um colóquio com Chiara, que lhe deu uma Palavra de Vida: «Quem escuta as minhas palavras e as põe em prática é como um homem prudente que edificou a sua casa sobre a rocha» (Mt 7.24), e



lhe explicou que a rocha é Jesus Abandonado.

Entrou em focolar em Trento, com 21 anos, e daí foi para Milão, para Parma, para a Suíça, e depois, em 1962, foi para Eindhoven abrir o primeiro focolar holandês. Foram anos muito difíceis, mas ela

sabia onde ancorar-se. Escreveu a Chiara: «Voltei a escolher sinceramente Jesus Abandonado, e agora não me assusto diante das dificuldades, porque O reconheço nelas. Parece-me que agora sou mais Sua e sinto-me muito contente por isso».

De 1968 até 1978, Chiara confiou-lhe, no Centro da Obra, o ramo das voluntárias que começava a desenvolver-se com os seus núcleos e a sua própria configuração, distinguindo-o do ramo das focolarinas. A resposta da Claretta foi incondicional.

Entregou-se com todas as suas forças, para que as voluntárias pudessem ser verdadeiras filhas da fundadora ao serviço da Igreja e da humanidade, fazendo com que descobrissem que os compromissos profissionais são meios preciosos para realizar o sonho de Chiara de levar o mundo a Deus.



A partir de 1978, juntamente com Piero Pasolini e, mais tarde, com Arnaldo Diana, passou a ter a responsabilidade de seguir o recém-formado Centro do Diálogo com pessoas de convicções não religiosas. A Claretta aceitou-o com alegria, consciente de que estava realmente a iniciar uma coisa nova e importante na Obra. Num dos encontros que se fizeram com estas pessoas, Chiara disse: «*Sem vocês o Movimento perderia a sua identidade*». A Claretta dedicou-se a desenvolver este Diálogo com todas as suas

Função que desempenhou com humildade e sabedoria, levando a todos os que ali colaboravam o seu coração de mãe e a unidade de toda a Obra. Mas o que mais se evidenciava nela era o amor ao Esposo. «Aqui no Centro - confidenciava - só podemos "estar de pé" se estivermos sozinhos com Deus. Pensei na Desolada, aquela que está só, que perdeu tudo. Percebi que se estiver só, com Deus, existe unidade e posso perceber o trabalho que há para fazer».



Claretta e Carlos Clarià, com quem trabalhou quer para os amigos de convicções não religiosas, quer para o aspecto da comunicação



Claretta com um grupo de amigos de convicções não religiosas

forças, em estreita colaboração com os delegados das zonas. Um deles afirmou: «Recordo a sua doçura inabalável que era resultado da grande fé no amor por todos, sem excluir ninguém. Abri-nos os horizontes, fazendo com que tivéssemos sempre uma grande abertura para com todas as realidades humanas».

Comovente foi também o testemunho de uma «militante» muito ativa no Diálogo, que não partilha a experiência da fé. Agradeceu a Claretta por ter estado sempre a seu lado, por tê-la acompanhado com tanta delicadeza e pela confiança que sempre depositou nela. «Se alguns de nós - comentou - puderam participar na Assembleia Geral de 2014, foi graças a tudo quanto foi semeado no decorrer dos anos».

De 2002 a 2008, a Claretta tornou-se, juntamente com o Carlos Clarià, responsável pelo aspeto de «Unidade e Meios de Comunicação».

A partir de 2012, a sua saúde começou a faltar. Escreveu no seu diário: «...entendi mais profundamente que amar é tudo. Não tendo trabalho nem compromissos fora, vejo que me ajuda muito procurar amar as focolarinas do focolar nas pequenas coisas que posso fazer, colocar no lugar uma coisa que está desarrumada, lavar a loiça... Sinto que posso fazer isso com mais atenção, embora de forma lenta e cansada. Posso dar tudo...».

E ainda, em 2014: «Estou contente com a minha situação física atual, pronta a ficar assim toda a vida. Pronta espiritualmente a manter este sentimento de vazio, de incapacidade de pensar, de meditar porque o pensamento me escapa». «"Jesus, és Tu o meu único bem", repito por gratidão pelo seu amor, Jesus deu-me a paz. O entusiasmo de construir a Obra durante tantos anos e agora o abatimento físico. Mas tenho a certeza que Jesus está comigo».

# Alexandre Magno de Araújo

«Se alguém me tem amor, há-de guardar a minha palavra» (Jo 14,23)

O Alexandre recebeu dos pais a dádiva da fé e a paixão pela Igreja. Quando, com 23 anos, participou numa Mariápolis, sentiu a confirmação da vocação de seguir Deus no focolar. Com os gen, no Rio de Janeiro, dedicou-se a várias iniciativas para anunciar o Ideal do Mundo Unido aos jovens do Rio e das cidades ao redor e, logo que acabou os estudos, partiu para a Escola de Formação de Loppiano.

De volta ao Brasil, esteve sete anos no focolar de Florianópolis e depois mudou-se para a Mariápolis Ginetta, para dar a sua colaboração na redação de *Cidade Nova*. Em 2010, foi para o focolar do Rio, para poder estar mais próximo dos pais que, por motivos de saúde, atravessavam um momento difícil.

Fraternal, alegre e muito comunicativo, o



Alexandre Magno conseguiu conquistar a amizade de muita gente. Como um verdadeiro formador - foi responsável durante mais de dez anos da escola dos jovens que, do Brasil, iam para a escola dos focolarinos de Loppiano - sabia pôr em prática as suas qualidades pedagógicas e, sobretudo,

a sua grande capacidade de transmitir os valores e o amor à verdade. Organizou também um curso, que foi muito frequentado, para jovens sobre a «Teologia do Corpo», com base nos ensinamentos de S. João Paulo II.

Perito em ecumenismo, no fim-de-semana de 30 e 31 de janeiro, foi a S. Paulo para participar num Simpósio promovido pela Conferência Episcopal Brasileira. De volta ao Rio, foi visitar os pais, brincou com os sobrinhos e à noite, de regresso ao focolar, contou tudo, com entusiasmo, aos outros focolarinos. Nessa mesma noite de 2 de fevereiro, levantou voo para o Céu, com 53 anos de idade.

# Nino Oliva

«Basta a cada dia o seu afã» (Mt 6,34)

Focolarino casado da Ligúria (Itália), o Nino partiu para o Céu no dia 11 de fevereiro, com 94 anos de idade. Em 1953, conheceu o Ideal e ficou fascinado. A sua personalidade mariana e aquela harmonia interior e exterior trazida da sua terra (Sicília) adquiriram uma nova luz. No trabalho, nos Correios, era minucioso, disponível para todos e sempre pronto a não entrar em compromissos. Para fazer um ato de amor a uma pessoa que precisava de uma ajuda económica, foi pedir um empréstimo ao banco. A empregada, ao perceber as suas motivações, ficou comovida: e foi



assim que o Nino conheceu a Ida, a sua mulher, que depois se tornou uma voluntária. Aos quatro filhos transmitiram a sua grande capacidade de acolhimento, especialmente para com os «últimos».

Na sua comunhão no focolar, muitas vezes o Nino contava simples, mas preciosos episódios de amor ao próximo, verdadeiros pequenos milagres». Depois da morte da Ida, as suas forças foram diminuindo gradualmente; os focolarinos estavam sempre muito presentes, assegurando-lhe a presença de Jesus no meio e informando-o sobre a vida da Obra. Contaram que «nos últimos dias manteve sempre um olhar profundo, em alguns momentos esboçava um breve olhar de simplicidade e quando nós, ou os filhos, chegávamos, tudo se iluminava. No momento da despedida, quando lhe sussurrámos que em breve estaria

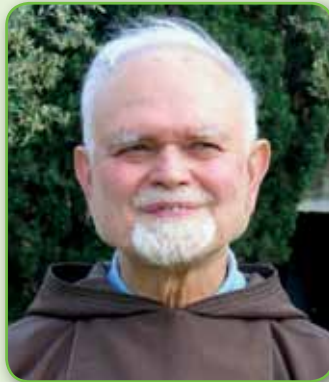
com Chiara, o Nino respondeu com uma carícia. Ele pedia sempre a Deus para o ajudar a morrer "como focolarino fiel" e assim aconteceu».

## Ir. Vittorio Della Rovere

*Aquele seu imprevisível e imediato modo de amar*

«Um homem de Deus que se doou sem reservas aos irmãos, particularmente aos mais fracos, aos mais pobres, àqueles que se encontravam em situações precárias». Este foi um testemunho "a quente" no funeral deste franciscano que não perdia tempo a pensar, mas que, com simplicidade, enfrentava as necessidades de quem quer que se lhe dirigisse, e não descansava enquanto não conseguia uma solução.

Com 21 anos, o Vittorio deixou a sua aldeia, na província de Udine (Itália) para entrar na Ordem dos Frades Menores Capuchinhos. Durante 22 anos foi um simples frade mendicante, espalhando simpatia por toda a parte, até que, inesperadamente, percebeu a vocação ao sacerdócio. O discernimento para alguém que já tinha completado 45 anos não foi fácil, mas tratava-se de seguir o caminho traçado por Deus, para dar continuidade àquele modo imprevisível e imediato que frei Vittorio tinha de amar e ajudar cada próximo. Ordenado padre, o Vittorio foi nomeado capelão de um hospital. E foi nesta altura que conheceu o Ideal. Ficou de tal modo conquistado que concentrou nele toda a sua vida. Contou que «uma manhã, depois de ter levado a comunhão aos doentes, estava a colocar a píxide no tabernáculo. Recebi um telefonema do Posto dos Primeiros Socorros: "Está aqui um jovem que, só neste ano, já tentou suicidar-se pelo menos sete vezes. A sua situação familiar é desastrosa e nem sequer tem sapatos para sair daqui". Não seria da minha responsabilidade intervir em tais situações, mas encontrando-me diante de Jesus Eucaristia, aproveitei logo a ocasião. Lembrei-me



da experiência de Chiara, dos sapatos nº 42 que ela procurava para um pobre e que Jesus, de imediato, lhe fez encontrar. Também eu me dirigi a Jesus e Lhe disse: "Tu precisas de um par de sapatos nº 43". Saí da igreja. Encontrei uma pessoa que me entregou um embrulho com um par de sapatos. Nem queria acreditar e perguntei-lhe qual era número: "43", respondeu-me. Fiquei chocado! Era a resposta de Jesus».

A vida do Ir. Vittorio foi uma constelação de episódios semelhantes a este, vividos na «perfeita alegria» de S. Francisco e no abraço diário a Jesus Abandonado, que se transformava, para ele, na alegria do Ressuscitado. No dia 7 de fevereiro, com 84 anos de idade, subiu para a Casa do Pai. Uma multidão de gente esteve presente no seu funeral e alguém comentou: «Estivemos próximos de um santo sem nos darmos conta».

*Secretaria Internacional dos Religiosos*

## Ir. Erika Schmidt

*«Alegrai-vos porque os vossos nomes estão escritos no Céu». (Lc 10,20)*

Diaconisa da Igreja Evangélica de Dresden (Alemanha), nos anos '70, a irmã Erika conheceu o Ideal e começou, de imediato, a pô-lo em prática. Com todas as suas forças, dedicou-se a viver o carisma da unidade e, desde então, a sua vida ficou caracterizada pelo amor a Jesus Abandonado e por uma constante tensão à unidade, na sua comunidade, na comunidade eclesial e na Obra de Maria. Quando lhe era pedido algum conselho, respondia sempre com experiências concretas da sua Palavra de Vida. Nos encontros



ecuménicos e nas Mariápolis falava com toda a gente para estabelecer, através da sua luminosa cordialidade, relacionamentos sinceros com todos. Quando encontrava alguém, depois de ter ouvido atentamente a resposta ao seu: «Como estás?» perguntava: «O que posso fazer por ti?».

Nas suas funções de diaconisa, a Ir. Erika trabalhou inicialmente como enfermeira e, nos últimos vinte anos, como secretária pessoal do diretor do Instituto das diaconisas, o qual, com frequência, não deixava de expressar a estima que tinha por ela, salientando a sua dedicação à vida da espiritualidade do Movimento dos Focolares.

Até ao último verão, a Ir. Erika, apesar dos seus oitenta anos, com muita alegria tocava órgão nas celebrações dominicais. Mas, em Julho, surgiu um diagnóstico inesperado: uma doença a que os tratamentos durante algumas semanas no hospital não trouxeram quaisquer melhoras. De volta à Casa Mãe, no dia 21 de outubro, passou aí apenas poucas horas: nessa mesma noite as irmãs, junto da sua cama, cantaram uma canção, em sinal de oração, e pouco depois a Ir. Erika juntou-se serenamente ao Pai Celeste.

*Heidi Kutzner*

## Silvio Cavazzoli

*Uma vida ao «serviço»*



A caridade e o trabalho (era administrador numa fábrica de malhas) caracterizavam a sua fisionomia espiritual, que se podia resumir com uma palavra: serviço. Com este modo de ser desde jovem, era interveniente nas realidades civis, religiosas e culturais na sua região. Foi um dos primeiros da sua cidade, Carpi, a aderir ao Movimento dos Focolares, tornando-se um voluntário. Foi um dos animadores da livraria «O Pórtico», uma ação inspirada no Ideal. Com dedicação, trabalhou também na cidadela de Loppiano, que estava a começar a desenvolver-se. Foi durante muitos anos voluntário no Hospital público de Carpi, prestando serviços

ao pessoal médico e aos doentes. Na diocese, era um dedicado redator da revista *Notizie* e leitor nas celebrações na catedral, que era a sua paróquia.

Fez tudo isto até ao momento da sua partida, aos 86 anos de idade, no dia 28 de maio de 2015, apesar dos problemas de saúde, que começaram a fazer-se sentir desde a altura em que se reformou. Com um amor muito grande, conseguia ajudar na doença da Ana, a sua mulher, também ela voluntária de Deus. Juntos rezavam o terço diariamente. Os companheiros de núcleo agradecem por terem vivido com eles um intenso e fraterno caminho espiritual, que ainda continua.

*Antonio Guidi*

## Licia Zulberti

*Uma pessoa cheia de valores*

Empenhada do Movimento Diocesano de Ascoli Piceno (Itália), em 1995 foi pela primeira vez à Mariápolis: uma experiência fascinante que, ao deixar de lado a insatisfação que estava a viver, lhe deu a certeza de ter encontrado o seu caminho.

O ideal punha em evidência os seus muitos dotes e fazia com que se tornasse cada vez mais jovial, alegre, acolhedora, apaixonada pela sua cidade e pela vida da comunidade. Não havia iniciativa civil ou religiosa na qual não participasse. Toda a gente a estimava devido à quantidade de valores que concentrou em si através do encontro diário com Jesus Eucaristia e com os irmãos. A sua sensibilidade peculiar levou-a também a colaborar na Associação «Zarepta», que gere uma cantina social.

Mas a estatura humana e espiritual de Licia manifestou-se plenamente com a sua doença, que só foi descoberta já num estado bastante avançado. De imediato ela e o marido, Alfonso, abraçaram este rosto particular de Jesus Abandonado e juntos, com muita paz, deram a notícia à família do Ideal. Com o sorriso de sempre, a Licia continuou a fazer a sua vida habitual e, enquanto pôde, continuou na



loja de objetos para o lar, sempre a amar cada irmão. A doença tornava-se cada vez mais visível, também fisicamente, mas ela procurava estar sempre bem arranjada para não entristecer os que a iam visitar: nunca se ouviu um lamento, ou um momento de desencorajamento ou de desconforto, apesar dos tratamentos dolorosos que teve de enfrentar. Continuou a ir aos encontros até à última semana de vida, testemunhando uma sabedoria e uma riqueza espiritual extraordinárias. Quando recebeu a Unção dos Enfermos disse: «Se Jesus viesse agora, ficaria contente». E alguns dias depois, no dia 17 de novembro, com 64 anos de idade, a Licia voou para a Casa do Pai, rodeada do afeto do marido, das filhas, da comunidade local e da cidade inteira.

*Secretaria Central do Movimento Paroquial e do Movimento Diocesano*

## Pierluigi Staderini

*Uma contínua, exigente, mas nunca suficiente, procura da unidade*

Voluntário de Deus de Pistoia (Itália), partiu para o Céu, no dia 14 de outubro de 2015, com 77 anos de idade. Na altura das importantes escolhas da vida, o Pierluigi conheceu o Ideal que confirmou e inspirou o seu inato espírito de doação. Educador muito apreciado e dinâmico, na Escola Profissional onde trabalhava, conseguia acompanhar cada um dos alunos como se fosse o único, e quase todos os jovens que tinham sido seus alunos, logo que acabavam os cursos, encontravam emprego de imediato. Com a sua mulher, a Mara, construiu uma família muito digna e unida, que dois filhos, o Gianluca e a Betrice, vieram enriquecer.

Na relação com a Obra e no núcleo, o Pierluigi viveu numa contínua, exigente, mas nunca suficiente procura da unidade, preferindo-a a toda a competência humana e profissional.

A entrega aos outros, levou-o a colaborar com «O Tempo», associação dedicada à recuperação

de toxicodependentes, para os quais «inventou» uma oficina de mecânica. Mais tarde, juntamente com outros voluntários da Obra e com a colaboração da comunidade local, deu vida à Associação «Il Tandem», ainda agora a funcionar, onde promovia projetos de formação para jovens imigrantes. Simultaneamente, dava o seu conselho especializado na Escola «Loreto»: o Pierluigi recebia todos os anos, na cidade de Loppiano, famílias de todo o mundo, para quem programava cursos inovadores, recebendo também o apoio de instituições.

Aceitou e viveu com consciência a longa doença que o atingiu. Com o seu agravamento, os encontros do núcleo passaram a fazer-se na sua casa. Embora tenha passado por muitas provas, na parte final queria levantar-se sempre para uma oração coletiva. Da última vez, transmitiu o quanto era dolorosa a condição de imobilidade para uma pessoa que, como ele, era sempre ativo, mas que a oferecia a Deus, em silêncio, para recompensar o amor dos familiares que estavam junto dele.

*Fabio Tommasi*

## Os nossos parentes

Passaram para a Outra Vida: **Laure, mãe da Fadia Haddad**, focolarina no Cairo (Egito); **Silvio, pai da Angela (Agape) Caliaro**, focolarina em Istambul (Turquia); **Enzo, irmão da Paola Squillante**, **Guido, irmão da Maria (Erica) Sciolla**, e **Jozica, irmã da Tatjana (Jesse) Barbic**, focolarinas na Mariápolis Romana; **Becky, irmã da Melinda Michels**, focolarina em Nova Iorque; **Julio, pai do Froi Fajardo**, focolarino em Tagaytay (Filipinas); **Michel, pai do Gérard Ribeyrone**, **Giuseppe, irmão do Gianni Ricci**, focolarinos na Mariápolis Romana..

**Errata:** Na edição anterior, onde se lê «Marie Louise e Raymond Chevalier, pais da Christianne e da Marie Elisabeth Chevalier, focolarinas em França» deve ler-se «Marie Louise e Raymond, pais da Christianne Chevallier, focolarina em França»..

## MARIÁPOLIS Noticiário interno do Movimento dos Focolares

Revista mensal • Número avulso: € 1,50 • Ano XXXI • Março de 2016 • Propriedade: Movimento dos Focolares (Obra de Maria) • Morada: **Cidadela Arco-Íris • Vale Menriço • 2580-059 ABRIGADA • Tel.: 263 799 995** • Diretora : Filomena Viegas • Tiragem: 350 exemplares • Impressão e pré-impressão: Impresso na U.E. • Colaboradores: Sara Cruz • Isenta de Registo na E. R. C. (ao abrigo do Decreto Regulamentar 8/99 de 9/6, Artigo 12º. nº1a).

# Chiara Lubich e a Paz...

Qual será a melhor forma para comemorar este oitavo ano da sua chegada ao Céu?

Em Portugal, iniciativas várias quiseram, como em muitos países do mundo, celebrar este dia pondo o foco sobre a Paz – na vida e na proposta de Chiara.

Um caminho, uma rota que já é seguida por milhões de pessoas e muitas comunidades, para chegar à paz e ao diálogo universal.

Não é uma utopia, mas é preciso ter coragem para se ser sementes de um mundo novo, de um mundo mais unido! Como resposta a qualquer tipo de agressão, a toda a destruição, a qualquer arma, uma só ideia: “Difundir o amor!”. Viver intensamente a arte de amar, pessoal e comunitariamente, até que o mundo seja uma só família, até que «todos sejam um».

## Em Lisboa

Uma «Mesa-redonda» - Graça Franco, António Marujo (dois conhecidos personagens da comunicação social... com Pedro Vaz Pato, presidente da Comissão Justiça e



Paz no nosso país, ofereceu às mais de 250 pessoas presentes, os seus pontos de vista sobre a possibilidade de paz na atualidade.

Uma singela e profunda reflexão da Professora Manuela Silva pôs em evidência, de coração aberto, pontos fundamentais do pensamento de Chiara sobre a paz, anunciando com força que as grandes crises podem trazer mudanças fundamentais, ondas de construção de vida social solidária e pacífica, quando a paz é o centro da vida dos indivíduos e as comunidades se arriscam a vivê-la juntos.

Não faltaram as experiências de reconciliação entre contrariedades inesperadas com o perfume e o valor do perdão; nem a certeza das crianças e adolescentes que apostam em viver pela paz nos seus ambientes, e a arrojada decisão dos jovens que, numa visão ambiciosa lançam no mundo inteiro – sempre seguros das intuições de Chiara Lubich - uma ação que convida cada pessoa a assinar (também com a vida) o compromisso da paz- «#SignUpForPeace»

No Porto comemorou-se com um encontro muito participado das comunidades do norte No Funchal, em Ponta Delgada, Braga, Faro e muitos outros locais, celebrou-se uma missa onde se reuniu a família da Obra, em agradecimento a Chiara.

*Maria Isabel Correia*

